

**LIMEIRA**

Minha relação com a cidade de Limeira é tênue. Cidade limítrofe à Rodovia Anhanguera próxima a Campinas, sempre foi passagem obrigatória rumo a São Paulo desde meus tempos de estudante de arquitetura. Às margens da estrada, duas coisas me chamaram sempre a atenção: a bela estação modernista de tratamento de águas e a laranjinha gigante que enfeita até hoje uma indústria ligada à produção de laranja. Uns 20 anos atrás, um pesquisador da Universidade Mackenzie me procurou para obter informações e participar de um encontro quando fazia um estudo sobre os dois arranjos produtivos locais, calçados em Franca e semijoias em Limeira. Foi quando aprendi um pouco sobre a história e a economia daquela cidade de 301 mil habitantes, além de ser um das poucas do país desse porte populacional que mantém dois times profissionais atuando, o Independente e o Internacional, ambos alvinegros.

Em minhas andanças pelo interior paulista, só uma vez entrei na cidade quarenta anos atrás, mas por pouquíssimo tempo. Dessa vez, acompanhando as exposições comemorativas do Projeto Atalie 50, a caminho de Campos do Jordão resolvemos visitar Limeira e pernoitar lá. Ficamos num hotel no centro histórico da cidade bem próximo à estação ferroviária da antiga linha da Paulista, hoje administrada pela concessionária Rumo e está em uso constante com trens de carga, uma delícia ouvir de novo o apito do trem regularmente. A estação, embora não tenha mais passageiros, está totalmente restaurada (e muito bem) e aguarda uma destinação que está sendo discutida entre a Rumo e a Prefeitura. Ao seu lado, fica a estação rodoviária projetada pelo arquiteto Zenon Lotufo em 1982. Lotufo trabalhou com Oscar Niemeyer no projeto do Parque Ibirapuera, fez obras como o Orquidário de Santos e a sede da Prefeitura de Bauru, é um arquiteto modernista importante. A rodoviária precisa de manutenção para manter a boa qualidade espacial do projeto. Nos arredores da estação está também o terminal de ônibus urbano e um casario muito interessante, mas que necessita de um projeto de ocupação e preservação. Limeira foi bem mais rica que Franca noutros períodos e os exemplares das edificações residenciais dos séculos XIX e XX que restaram preservados no centro são notáveis.

O centro é como o das cidades médias brasileiras: movimentado, com lojas populares, farmácias, agências bancárias, restaurantes, lojas de celulares. As ruas antigas são estreitas, mas o trânsito flui melhor que em Franca, apesar da dificuldade adicional gerada pela barreira da ferrovia e pela topografia de pequenos morros. A catedral e algumas edificações públicas estão em bom estado, o Teatro Vitória fica na praça principal e bastante ativo. A catedral de Nossa Senhora das Dores é imponente, construção de 1940 após a demolição da primitiva igreja, tem pinturas impressionantes nas paredes e no teto. Próxima dali, ainda mais bonita é a de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, obra financiada pelo Barão de Campinas e inaugurada em 1867. Ele foi responsável pela construção das paredes de taipa, da cobertura e pelas duas torres, assim como mandou vir de Portugal sinos, lanternas de prata e outros artefatos. O Museu Histórico e a escola de arte da Prefeitura também ficam no centro, funcionam no belo e antigo Grupo Escolar Coronel Flávio Ferreira de Camargo, tombado como patrimônio histórico. O projeto arquitetônico original da escola foi assinado pelo arquiteto belga José Van Humbeeck e está precisando de reformas e manutenção. A escola de arte da Prefeitura tem uma ampla gama de cursos, desde artes visuais, teatro e balé, havia um grande movimento de pais e estudantes no local quando o visitamos. A Prefeitura funciona no antigo prédio da fábrica dos famosos chapéus Prada, acho que o “Bumbo” que meu pai usava nas suas viagens nos anos 1950-60 eram dessa marca. Visitamos ainda o Palacete Tatuibi, atualmente ocupado pela secretaria municipal de turismo, uma restauração espetacular, foi uma antiga residência da elite local bem no centro da cidade.

Verificamos uma grande diferença em relação ao centro de Franca. As calçadas foram reestruturadas em grande parte da região comercial pela própria Prefeitura, são caminháveis e sem obstáculos, assim como as praças receberam o mesmo tipo de tratamento. Bem cuidados e limpos, os canteiros, jardins, árvores e pisos se diferenciam de Franca, cujo abandono tem sido visível nos últimos anos. Claro que foi uma visita rápida, mas o que vimos foi prazeroso, valeu a pena conhecer com as dicas valiosas do amigo Rafael Freiria que leciona no campus da UNICAMP de Limeira. Ah, não deu para conhecer a Rua Pretestato Rodrigues Alves, homenagem ao tio-avô de Atalie que lá viveu.

Mauro Ferreira é arquiteto